

TRIBUNA DE COIMBRA

Quaresma

ESTAMOS em pleno tempo da Quaresma. É, desde a antiguidade cristã, um dos mais belos e ricos de espiritualidade. Nele se acentua, como em nenhum outro, um certo retorno às origens da vida cristã. Assume particular relevo a redescoberta da espiritualidade baptismal. Também, como em nenhuma outra ocasião, se apontam caminhos de regresso às «fontes». A partilha de bens e, principalmente o dom da vida, são um convite permanente. Este ano o Santo Padre na sua mensagem habitual para a Quaresma, parafraseando o Apóstolo S. Paulo, aponta o itinerário: «Recebestes de graça, dai gratuitamente».

De facto o que subtrai a vida cristã a um código de conduta, ainda que elevado, é o dom que os crentes experimentam acerca da sua vida. Infinitamente amados por Deus, conscientes deste amor radical, pesa a dor de uma resposta insuficiente e imperfeita. É o dom da conversão pessoal e confiante ao Deus da Misericórdia plena e do Amor a toda a prova. Todo o nosso amor aos outros, ainda que louvável, não passaria de um exercício de filantropia ou acto de partilha. Neste sentido tocamos o cerne do próprio Mistério Pascal: Deus amou-nos primeiro, veio ao nosso encontro, foi «por nós» e por «nossa causa», não pelos nossos méritos, para que a Ele regressássemos e salvos. Neste regresso, em Jesus Cristo se consuma a glória de Deus. Mas nunca será um acto isolado, um regresso sozinho, fruto de um mero esforço ascético ou de receita mágica. Será sempre fruto do amor tornado dom de vida e caridade. Será sempre mais exacto afirmar que o amor de Deus é antes de tudo um Amor-Caridade, mais que um amor solidariedade. No Amor-Caridade se experimenta radicalmente a verdadeira iniciativa de amar: aquele que dá o primeiro passo e que impele.

Continua na página 4



Este moço, da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, pinta, sorrindo, um cabide ora posto no sítio.

BENGUELA

Quadros lindos

HÁ quadros lindos que mostram a beleza oculta no coração das pessoas. Contemplá-los é ir ao encontro do Princípio que é a fonte de todo o Bem. Quem me dera ter guardado na máquina fotográfica o quadro encantador, no nosso infantário: Quatro crianças, sentadas em círculo, comiam uma manga, fruto muito saboroso. Uma chupava e dava à outra que fazia igual, até que todas comiam a sua parte, pelo mesmo processo. Só visto! O quadro fechou quando a manga acabou. Nenhuma comeu mais do que a outra. Verdadeiro comunismo de rosto humano e cristão! A nossa vida como é? Assim?...

Este quadro fala-nos dum valor humano muito rico: a fraternidade. Faz parte da

nossa natureza. É o dar a mão a quem precisa que faz crescer as pessoas e as comunidades. Fico feliz e animado. Não é verdade que ficamos tristes, nervosos, insatisfeitos, quando nos fechamos naquilo que temos e somos? O homem só nunca é a medida de si mesmo. O quadro do nosso infantário, na candura e simplicidade que reflecte, diz-nos onde está o sentido da nossa vida. A riqueza das crianças está precisamente na comunhão do pouco ou muito que têm. Sem os outros somos mais pobres e diminuídos. Quem dera as novas gerações levassem dos adultos o verdadeiro caminho da vida! Pais, educai os vossos filhos na comunhão do que têm e são. Somos testemunhas de que em muitos lares assim é.

Continua na página 3

SETÚBAL

Sentimento de fraternidade

NO passado mês de Janeiro, os nossos distribuidores d'O GAIATO foram assaltados duas vezes.

Na primeira, foi uma senhora que nos telefonou a contar o sucedido, situação que ela mesmo presenciou na Baixa de Setúbal. O nosso pequeno ficara um pouco assustado com o bando que lhe levava o saco, jornais e a receita da venda.

Da segunda vez foram dois dos nossos abordados e espoliados por outros dois bastante mais velhos, que lhes arrancaram os sacos mesmo à porta do nosso Lar de estudantes.

Os nossos rapazes, bem como nós próprios, somos cidadãos comuns. Por todos os que foram assaltantes, nada podemos fazer. Eles são da rua, como nós, mas estão inacessíveis à nossa acção. Para as suas idades e nível de delinquência, não temos pedagogia nem ambiente em nossas Casas.

Vem-me à memória aquele pequeno que Pai Américo foi pedir à esquadra da polícia, ainda a tempo de se salvar. Por estes nada podemos fazer, pois nem eles queriam.

Estamos a viver um tempo socialmente grave. É cada vez maior o número de jovens

assaltantes de rua e mais graves os métodos usados nessas práticas. Dá a impressão que até os ladrões perderam todo o sentido moral dos seus actos.

A propósito do segundo caso de roubo aos nossos ardinas, desloquei-me com eles à polícia. É voz comum dizer-se que não vale a pena; que só vamos arranjar chatices. Ainda assim, queria que os meus rapazes conhecessem a realidade.

Dizendo ao que ia, foi-me dito que não podia apresentar queixa por não ser nem o pai nem tutor dos rapazes. Poderia lá ser?! Mas, afinal, porque houve violência no acto do assalto, sempre o podia fazer. Mais, tinha o dever de o fazer — assim diz a Lei.

O Sérgio e o Cláudio lá foram descrevendo os assaltantes e o modo como agiram. Eu ia gozando deles e do modo como o faziam, pensando como é bom tê-los do lado dos assaltados — nns pequenos homenzinhos.

Senhores da Justiça: nós não sabemos nada de leis; nem temos tempo para as conhecer. Gastamo-lo todo em desviar os pequenos abandonados, do banco dos réus. Por isso não se admirem por fazermos tribu-

nais em nossas casas — é para não serem as autoridades do País a fazê-lo em sede legal.

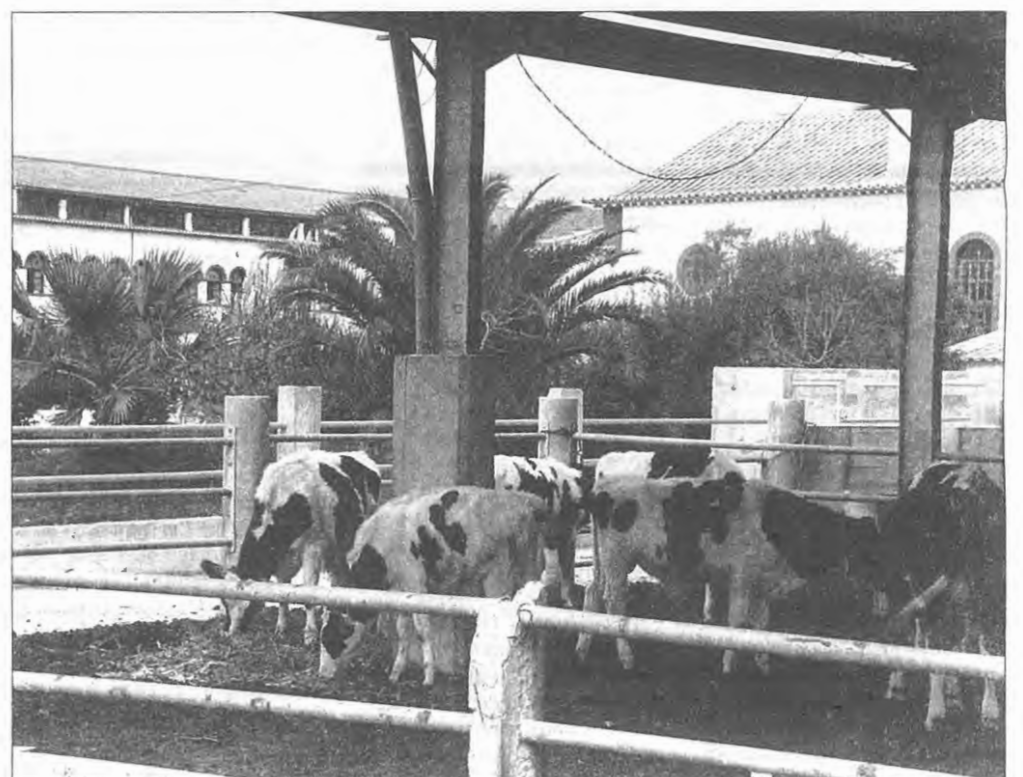
Há quem se escandalize com isto. Principalmente quem gostaria de ter sob a sua alçada os pequenos que nos são dados. Não nos venham ensinar a amar. Eles são nossos!

Os nossos olhos vão vendo. Quem ama, vê. O nosso subir é directamente proporcional ao nosso descer. Quanto mais descermos, mais subimos e melhor vemos. Este subir, não é visível aos olhos do mundo. É

por causa de muitos quererem subir a este olhar, que muita coisa vai mal para os pequenos lançados na rua. Estes só podem subir na vida se outros aceitarem descer nas suas. Descer no conceito de si mesmos e de tudo o que vier por acréscimo.

Nunca senti a menor repugnância dos nossos distribuidores assaltados pelos que os assaltaram. Antes, um sentimento de fraternidade.

Padre Júlio



Simbiose da natureza na Casa do Gaiato de Setúbal

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ÁGUA — Há cerca de três anos, insistimos com quem de direito, que servisse apenas a entrada — só a entrada! — de água do sector público nas casas do Património dos Pobres, de Paço de Sousa, as primeiras levantadas por Pai Américo, naquele tempo.

Num Estado que se diz social, que apregoa tudo para todos, os homens públicos têm-nos dito que não, por razões burocráticas, por outras formas de dizer não! Tem sido a maneira de não servirem os Pobres e darem no porta na cara a quem os serve — com gratuidade.

Agora, dispusemo-nos, mais uma vez, a bater à porta de responsáveis da água pública, que é outra gente. Gastámos horas à espera que o vereador nos recebesse. Ficámos cansados, por isso mesmo. Mas, todo aquele tempo foi uma espécie de oração por todos aqueles que têm um tecto que saiu das mãos de Pai Américo; também, daqueles que esperam, um dia, servir-se desse benefício público.

Lembrámos, ali, o quanto Pai Américo sofreu no Terreiro do Paço, agudando o heroísmo de ser atendido por ministros ou directores-gerais. Aliás, conta isso n'O GAIATO. Mas foram horas ferozes — a escrever para o *Famoso*. Gastava horas, sim, mas falava e conseguia aquilo que o levava lá.

O vereador deu ordem de entrada. Cumprimentámo-lo e afirmámos estarmos ali como recoveiro e defensor dos Pobres. Cedemos a documentação para se inteirar do problema. Leu o memorial, pausadamente, que passou para as mãos da sua secretária: — *V. amanhã, vai ter com o engenheiro X. entrega isto com ordem de porem água nas casas do Património dos Pobres. Pede o sobrescrito que tínhamos em mãos, escreve nele o número de telefone do seu gabinete e diz alto e bom som: — Por cada casa servida de água, V. telefone-me!*

É o que faremos. É assim, desta maneira tão simples, que os políticos deveriam actuar sempre, quando fizerem Justiça ao mais pobre dos Pobres.

Ele é o homem de Leis, sabemos. Cumpre a Constituição do País e a sua própria consciência cristã.

VOZ DO PAPA — Parte da mensagem para o tempo da Quaresma: «Preparamo-nos para percorrer o caminho da Quaresma que nos conduzirá às solenes celebrações do mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Dispomo-nos a viver o tempo propício que a Igreja oferece aos crentes para meditar a obra da salvação

realizada pelo Senhor na Cruz. O designio salvífico do Pai celestial realizou-se com o dom livre e total do Filho unigénito aos homens. 'A minha vida ninguém Ma tira; sou Eu que a dou por Mim mesmo' (Jo 10, 18), afirma Jesus, deixando bem claro que é voluntariamente que sacrifica a sua mesma vida pela salvação do mundo. Para confirmar este dom tão grande do amor, o Redentor acrescenta: 'Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos' (Jo 15, 13). A Quaresma, ocasião providencial de conversão, ajuda-nos a contemplar este supremo mistério de amor. Ela substitui um retorno às raízes da fé, porque meditando sobre o dom incomensurável de graça que é a Redenção, não podemos deixar de constatar que tudo nos foi dado por iniciativa amorosa de Deus.

Para meditar precisamente sobre este aspecto do mistério salvífico, escolhi como tema da mensagem quaresmal deste ano as palavras do Senhor: 'Recebestes de graça, dai de graça' (Mt 10, 8). Deus entregou-nos livremente o seu filho: quem pôde ou pode merecer semelhante privilégio? Afirma S. Paulo: 'Todos pecaram e estão privados da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente pela sua graça' (Rom 3, 23-24). Deus amou-nos com infinita misericórdia sem levar em conta a condição de grave ruptura que o pecado causara na pessoa humana. Ele inclinou-Se enervadamente sobre a nossa enfermidade, vendo esta como ocasião para uma nova e ainda mais esplêndida efusão do seu amor. A Igreja não deve de profanar este mistério de infinita bondade, exaltando a livre decisão divina e o seu desejo, mas de condenar o homem, não de o readmitir à comunhão Consigo. 'Recebestes de graça, dai de graça'. Que estas palavras evangélicas ressoem no coração de cada comunidade cristã durante a sua peregrinação penitencial para a Páscoa.

A Quaresma, evocando o mistério da morte e ressurreição do Senhor, leve todo o cristão a maravilhar-se intimamente com a grandeza de tal dom. Sim! Recebemos gratuitamente. Não será por acaso a nossa existência totalmente marcada pela benevolência de Deus? O desabrochar da vida e o seu prodigioso desenvolvimento é um dom e precisamente por ser dom, a existência não pode ser considerada como domínio ou propriedade privada, ainda que as potencialidades, de que hoje dispomos para melhorar a sua qualidade, poderiam fazer supor o contrário, ou seja, que o homem seja o seu 'dono'. De facto, as conquistas da medicina e da biotecnologia poderiam às vezes levar o homem a imaginar-se como o criador de si próprio, e a ceder à tentação de manipular 'a árvore da vida' (Gen 3, 24).»



Crianças da Massava (Moçambique) à saída da Creche.

PARTILHA — Gouveia. «Aí vai um pouquinho de ajuda» pela mão da assinante 30735.

Lourdes, de Cacém, «mais uma migalhinha com muito carinho e um bem haja». Agora, mais «um cheque referente a Janeiro, também. Como de costume, acertada, não quero recibo nem agradecimento, pois continuo a dizer que, enquanto puder, isto fará parte das minhas obrigações. Faço-o pela minha família, pela vossa Obra, os vossos Pobres, com a esperança de contribuir para fazer alguém feliz. Que Deus vos acompanhe e ilumine».

Outro cheque, de Vila Nova de Gaia. Outro mais, da assinante 57002, de Senhora da Hora, «minha pequena oferta de Janeiro para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Além de muitas outras necessidades, as contas da farmácia devem ter aumentado e, por isso, todas as migalhas serão poucas para minorar o sofrimento dos Pobres», disse.

Do nosso Lúcio, emigrante em França, 300 euros para as casas do Património dos Pobres, de Paço de Sousa, em reparação. Retribuímos o teu forte abraço.

Assinante 71290, de Mem Martins, presente com um «pequeno contributo para 'ajudas' a quem tanto precisa. É tudo tão efémero, tão rápido, tão passageiro e nós continuamos teimosamente construindo infelicidades e sofrimentos. Continuem como oásis deste deserto, deste vale de lágrimas e que tudo na vossa vida e missão seja Jesus Cristo, Alegria completa!»

Quatro contos da Luísa, de Santo Tirso, que por cá aparece com o marido. Mais um abraço para ambos.

E mais outro cheque, de um assinante do Luso — quatro e cinco euros — «para as necessidades por vós reconhecidas como as mais prementes».

Fecha a coluna a assinante 31104, da Capital. Chama a nossa atenção para uma gralha que provocou a diferença de dez contos. Perdoe a nossa azelhive, se faz favor.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Os Iniciados receberam os Unidos ao Porto Futebol Clube.

Falando um pouco do jogo, não podia ter corrido melhor. Apesar do escalão deles ser já de Juvenis, os rapazes bateram-se lindamente. Têm muita força e, sobretudo, muita força de vontade. Lutam pela posse da bola, para que esta consiga estar mais tempo nos seus pés do que nos do adversário. Mais uma vitória, embora muito suada.

Aqui há uns tempos, veio cá jogar determinado clube. No final do encontro ouvimos este desabafo do treinador: «O termo bom e vai servir de exemplo. Ponham os olhos neles. Vejam como correm à bola, e, quase sempre conseguem ganhar os lance em que tínhamos obrigação de fazer com que a posse da bola fosse nossa».

Isto só prova que o nosso trabalho não cai em saco roto. Alguns rapazes têm espírito de sacrifício. Talvez por isso, conseguem mostrar mais trabalho do que aqueles que treinam duas e três vezes por semana. O caso do «Azeitona», do Abílio, do «Teixugueira», etc. Já o mesmo não podemos dizer do «Doutor» que gosta da papa toda feita!...

Os Seniores deslocaram-se ao Porto para jogarem com o «Mini-Preço». Pelo que conseguimos apurar, o adversário não tinha atletas que chegassem para completar a equipa. O nosso treinador dispensou alguns, entre eles o Ricardinho. Embora tivéssemos ganho, ele fez a vida negra ao adversário, neste caso éramos nós. É daqueles rapazes que não tem boca nem ovídeos. Joga a bola pela bola. Consegue sobressair dos outros, dentro do seu próprio estilo, pela humildade e pela sua dedicação ao Desporto. Por incrível que pareça, ainda hoje é o dia em que não consegui arranjar quem ocupasse o seu lugar nos Iniciados,

com a mesma vontade e dedicação, que ele tinha.

Segundo o Lupricínio, fizemos uma primeira parte em bom ritmo e com bom futebol. Na segunda, e com o resultado já praticamente construído, tudo foi mais lento.

Marcadores de serviço: «Turbinas», Américo, Bernardo e Daniel. O último marcou mais do que um, pois ele e o guarda-redes, andavam em despique: um a ver se marcava, o outro a tentar evitar a vantagem.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Nesta altura não recebemos muitas visitas familiares, mas algumas excursões, principalmente de Escolas. Esperamos ter mais para quem nos quiser conhecer. Somos a porta aberta!

PÁCOA — Vamos começar a Quaresma. São quarenta dias de preparação para a Páscoa. Vamos preparar-nos para celebrar a Ressurreição de Cristo. Contamos que nos ofereçam muitas amêndoas!

ESCOLA — Estamos em férias de Carnaval. Depois, vamos ter muitos testes. Precisamos as aproveitar para estudar.

CANARVAL — Já aconteceu! Os rapazes andaram mascarados. Todos gostam de gozar o Carnaval!

OBRAS — Continuam a um ritmo lento. Os interiores são mais demorados. É por isso. Daqui a alguns meses voltaremos a habitar aquela zona remodelada, com mais conforto.

GADO — Uma porca deu à luz uma ninhada de leitões. Desta vez, oito. Também uma ovelha pariu um lindo carneirinho. Temos uma gaiola cheia de pássaros de várias cores e raças: piriqitos, canários, fai-

sões, papagaios, rolas bravas e um melro. Os rapazes dão-lhes muito carinho. Também temos, no pomar, muitos patos e galinhas do mato e gansos. Não sabemos o que foi feito do nosso galo... Era tão lindo!

DESPORTO — Estivemos a treinar com as excursões. Também treinámos com o Mirandense. Temos jogos marcados e continuamos a treinar para conseguirmos os nossos objectivos, que é ganhar! Continuamos a pedir aos nossos Leitores que nos enviem material desportivo que por aí tenham arrumado. Obrigado!

Hugo Vieira

SETÚBAL

VIDEIRAS — A malta este ano abriu os buracos para as videiras que trouxemos do Norte. Ainda deram algum trabalho a plantar, porque tem que ser tudo bem feito, para pegarem bem e darem boas uvas para nós comerem e fazermos bom vinho.

MACIEIRAS — Também estivemos a abrir os buracos para macieiras. Se calhar, lá mais para o Verão, já teremos frutos bons para comer. Mas é preciso regar e dar química, para o bicho não atacar o fruto. Depois, vamos apanhar as maçãs para comer. No Inverno as macieiras serão podadas e rebenarão outra vez.

Nuno Lagarto

LAVOURA — Já semeámos as favas. Na terra estão a couve-tronchuda, a couve-flor, a couve-galega e a couve de nabo. O nabo tem sido saboreado nas nossas refeições. A seguir vamos preparar a terra para semear batatas.

VINHA — Também estamos a podar as videiras, os

MOMENTOS

Consolo

POR falta de sentido de responsabilidade e de abnegação dos chefes da casa quatro de baixo, tenho-me visto obrigado a ir deitar os rapazes muitas noites!

Não devia ser assim. Não posso. É uma violência a que me expõem.

Os chefes têm capacidade. Têm obrigação a todos os títulos. Devem tomar conta dos seus irmãos, em consciência e por justiça.

Quando entro numa casa e encontro o chefe tranquilo sinto imediatamente que ele está no seu lugar. A serenidade é a prova evidente de que jamais se esquece do seu cargo. O contrário também é certo. Por isso me sinto impellido.

Vigiar a higiene pessoal de cada um, iluminar-lhes a inteligência e o coração para que cuidem bem do corpo, verificar o asseio e o cuidado com a cama, impor calma para que o recolhimento chame o sono e a noite surja repousante — é missão do chefe naquele vespertino momento...

Obrigado, mas com gozo interior, acompanhava os pequenos de onze e doze anos.

Aconhego a cama deste, falo com aquele, recomendo a outro que grite menos, etc. — faço a paz.

Aproximei-me da cama do Alcides e vejo que ele, ao deitar-se, escangalhou tudo. Os lençóis enrolaram-se, os cobertores dispuseram-se em desalinho.

Com onze anos, o gaiato tem corpo de quinze. É gordo, alto e de motricidade pouco coordenada. Deitar-se na cama, é operação difícil para ele e provocadora de risota para os outros.

Retiro o lençol de cima, ajeito o de baixo e abafocom tudo em ordem.

O menino faz um gesto de contentamento e fixou-me com um olhar de tão terna e profunda alegria que estremei interiormente.

Também eu me consolei inesperadamente com este reflexo do Alcides. «É consolando que se é consolado.»

Padre Acílio

Continuação da página 1

Compreendemos, assim, que o Padre Américo tivesse sido um impellido, como ele próprio se assumia; alguém que não partia de si mesmo nem da sua incontestável boa conduta. Era Outro, Aquele que o impelia. Assim se compreende também que o exercício da Caridade, o dom da vida, o dom de si mesmo encontra aqui o seu ponto de partida, de confronto permanente e também de chegada. Assim entendida, a Caridade não será apenas

Tribuna de Coimbra

uma acção de bem-fazer da Igreja, apoiada em boas e racionais estruturas, fundos e meios humanos adequados, mas sim acção de Deus em pessoas permanentemente confrontadas com a gratuidade do Seu amor salvador. É a visão abrangente

da fé que aponta o acto de amor como um acto de eternidade: «O que fizestes a um dos mais pequeninos... foi a Mim que o fizeste».

Numa linha de confronto talvez nem sempre andemos por aqui. O tempo da Quaresma é bastante propício

para que algumas destas questões se nos coloquem, sobretudo, quando, apressados em ensaiarmos algumas respostas de tipo pecuniário, pensamos assim ter encontrado a solução. É preciso ir mais longe!

Padre João

CALVÁRIO

A gaiola

A gaiola circular, junto à nossa cozinha, abriga algumas rolas brancas. Nada lhes vai faltando. Os rapazes profiam em alimentá-las diariamente. E elas correspondem, rolando a seu modo.

Muitas outras rolas esvoaçam em liberdade pela quinta. As árvores e o sossego convidam-nas e elas permanecem por estes sítios. Não é raro vê-las ao redor da gaiola circular espreitando as presas, no catifeiro. São até uma presença regular. Parecem condóidas com as irmãs.

Nos tempos que correm muita gente vive, também ela, não digo em catifeiro,

mas na solidão. São os idosos, os carentes de amigos, os doentes crónicos, os rejeitados; outros vivem fechados dentro de si mesmos, moendo as preocupações, os desgostos, as adversidades, o desprezo, o tédio de viver.

Mas os homens nem sempre procedem como as rolas. Andam demasiado afadigados e raramente vão ao encontro dos que vivem sós.

Ora a solidão é má conselheira. Todo o homem precisa de um amigo na vida para sobreviver — alguém que o oiça e lhe dê ânimo.

Mas a solidão é uma das consequências más das sociedades modernas. O materialismo gera egoísmo e este a solidão.

Os nossos doentes não sabem o que é a solidão. Ajudam-se e por isso estão sempre presentes. Trabalham nas tarefas mais simples, conjugam esforços, dão as mãos — e deste modo colocam-se permanentemente ao lado uns dos outros, convivendo.

Onde gosto mais de os ver é, sobretudo, no salão junto à lareira. O fogo é dos elementos da Natureza que mais tem cativado o homem. Ainda hoje as tribos primitivas se juntam em torno dele para as refeições, para os cantares, para as festas.

Era junto dele, também, que muitas famílias faziam o serão, convivendo, rezando, criando amizades.

A lareira do salão é assim um lugar apetecido pelos doentes. Os olhos convergem para as chamas dos cavacos e a claridade da sua luz ilumina-lhes o rosto e a alma. Por isso não há lugar para pensamentos tristes. Convivem felizes cavacando.

Os homens precisam de voltar à lareira, não apenas para se aquecerem, mas para se juntarem e se sentirem mais perto uns dos outros.

As rolas sabem conviver. A Natureza é mestra.

Padre Baptista

Uma carta

EXMO^s Senhores não sei a que nome me cuido dirigir; mas dirijo-me à casa do gaiato e pronto, não sei se não entender a minha letra, foi sobre uma analfabeta que só tenho a terceira quebra de e mal sei fazer o meu nome. Mas quero agradecer-lhes de fundo do meu coração o livramento que me mandaram, foi ao lê-lo me esvaziam as lágrimas. Há muito tempo que dou muito valor à vossa letra e também a agradecer muito o jornalinho que sempre me manda, só tenho pena é de não poder a fumar. Eu tenho 69 anos e não tenho reforma alguma, o meu marido tem 43. Conto é com eles que vivemos; se não fossem os remédios não ainda ia dando assim os medicamentos? Levam tudo. Vou mandar 5.000.000 em dívida por que pelo Natal foi o do bro: peso perdão por não poder mandar mais, mas Deus o sabe. Mas tenho uma casinha minha, graças a Deus não pago renda. Foi feita a quando o marido trabalhava e com muito sacrifício. peso desculpa por tudo, despeço-me pedindo a Deus que os ajude e que sempre esteja convosco. Os meus sinceros cumprimentos e mais uma vez muito obrigado

Em que Instituto Superior de Economia e de Finanças terá ela aprendido a governar a vida com a pensão do Marido: quarenta e três contos?

A vulgaridade gritaria: Miséria! Ela não: «Com eles vivemos». E dá a entender que, «se não fossem os remédios (...), que levam tudo», até «ia dando»... E dá! E dá, mesmo, para partilhar! — nós que o digamos... E ainda nos «pede perdão por não poder mandar mais, mas Deus o sabe!» Sabe-o Ele e compreendemo-lo todos nós. O que não se compreende é como pode render tanto aquela pequeníssima pensão minada «pelos medicamentos»!

Em toda a carta não há uma queixa. Tão pouco qualquer sabor a jactância, no afirmar, afinal, a sua autonomia, a sua suficiência. Há, sim, reconhecimento de um valor que ajuda a compreender este «milagre» económico: «Mas tenho uma casinha minha, graças a Deus. Não pago renda. Foi feita quando o meu marido trabalhava e com muito sacrifício».

Aqui temos nós dois valores tão fora de moda: trabalho e sacrifício. Com eles construíram a sua casinha; e mais: os alicerces de uma vida em que o pão de cada dia que necessariamente a estabiliza — fome não! — é um mistério para os olhos da carne. A oração deste casal deve ser aquela prece bíblica que reza assim: «Uma coisa Te peço, Senhor, não ma negues: miséria e riqueza não mas dê, mas somente o necessário à minha vida». E o Senhor escuta-os, não há dúvida — e multiplica. Uma prece que não acaba neles, mas abrange outros certamente; também a nós, a quem deixa esta bênção: «Despeço-me, pedindo a Deus que os ajude e que sempre esteja convosco».

* * *

NESTE mundo fictício em que se vem vivendo há várias décadas, com demasiada frequência acima das possibilidades, de olhos postos no consumismo como ideal de felicidade, esta carta é uma «pedrada no charco», uma lição de Sabedoria e de Humildade aos que se presumem de sábios e têm responsabilidade enorme no engodo dos simples e irreflectidos.

Esta Mulher confessa-se iletrada; mas até os seus erros de ortografia ou de sintaxe revelam uma inteligência da vida que rareia — e por isso, pela falta de valores que a temperem, aí está a sociedade ensossa que somos.

Não é por saudosismo miserabilista que publicamos esta carta como contraste ao mundo de propostas de futilidades agradáveis, que a sociedade de consumo costuma apresentar, embrulhadas em cores de rosa irreais que iludem os simples e os irreflectidos. Quase todos os dias o correio nos traz publicidade desta, aliciando à aquisição por um empenhamento camuflado de facilidades e até de bónus que seduzem os incapazes

de fazer contas e ver à distância a situação asfíxica que os aguarda. Alguma vem de Empresas de alto nível — Bancos, Telecomunicações... por exemplo — que entre outras funções sociais deveriam assumir as de promover a mentalização do Povo para uma realidade que os especialistas de Economia e Finanças vão, finalmente, denunciando como «tempos duríssimos» que se avizinham.

É uma exploração desenfreada da ingenuidade e irreflexão, que nos agonia e faz encher o cesto dos papéis com os restos dessa literatura maligna.

Vivemos em desequilíbrio instituído que, pelo facto de o ser, se apresenta como estado de normalidade. E nem sequer nos é lícito pousar os nossos olhos em horizontes próximos. Em tempo de globalização, teremos que ter sempre presentes as desigualdades que rasgam a Humanidade e a dividem entre a extrema pobreza, imensa e crescente, e uma minoria de hiperabastados de supérfluo, e uma classe média também a decair.

O equilíbrio há que procurá-lo a partir da consciência do homem: pelo trabalho que torna legítimo a cada um comer o seu pão e pela austeridade capaz de dominar a avidez de possuir e de gozar latente em cada homem. Sempre assim foi e sempre assim será. É regra inerente à natureza humana. Todo o desregramento é causa de desequilíbrio de consequências universais.

É de envergonhar que o casal de que esta carta nos dá conhecimento, tenha de viver de uma pensão tão desadequada aos níveis dos nossos dias — eles, obreiros justos de uma sociedade que permanece injusta. Apesar disto nada na sua mensagem nos permite concluir que se sintam infelizes. A sua consciência é o seu tesouro, rico de paz. Isto, o melhor da sua lição.

Padre Carlos

PENSAMENTO

A penúria dos Irmãos dá-nos violência nas palavras e lágrimas no coração.

PAI AMÉRICO